



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Conferência das Partes da CMNUCC - Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 12/12/2018



Chefe da Casa Militar e Coordenadora Estadual de Proteção e Defesa Civil é homenageada no município de Campinas



Sidnei Furtado, REPDEC da região de Campinas e organizador do evento, Coronel PM Helena dos Santos Reis, Secretária-Chefe da Casa Militar e Coordenadora Estadual de Proteção e Defesa Civil e Tenente Coronel PM Lago, Comandante do 7º Grupamento de Bombeiros.



Hoje, 11 de dezembro a Subsecretária – Chefe da Casa Militar e Coordenadora Estadual de Proteção e Defesa Civil, Coronel PM Helena dos Santos Reis, foi homenageada com a outorga da Medalha da Defesa Civil de Campinas.

FONTE: <http://www.defesacivil.sp.gov.br/?p=5797#more-5797>



PREFEITURA DE
CAMPINAS

Prefeitura entrega Medalha da Defesa Civil para quem ajudou Campinas



Foto: Coordenadora do Samu, Dra Elisângela Nonato foi uma das homenageadas

A Prefeitura de Campinas entregou na tarde desta terça-feira, dia 11 de dezembro, a Medalha da Defesa Civil para dez colaboradores do Sistema Municipal de Defesa Civil da

cidade. A solenidade reuniu representantes dos municípios de Campinas, Itatiba, Jaguariúna, Mogi Guaçu, Paulínia, São Paulo e Vinhedo.

Na ocasião, representando o prefeito Jonas Donizette, o coordenador regional da Defesa Civil, Sidney Furtado, informou que a medalha foi instituída para homenagear os servidores do órgão e os integrantes do Sistema Municipal de Proteção e Defesa Civil. “Hoje estamos homenageando especificamente os órgãos que apoiaram a Defesa Civil de Campinas e que contribuíram de forma significativa com as nossas ações nos últimos anos”, enfatizou Furtado.

De acordo com ele, este ano, pela primeira vez, o município entrega a medalha de mérito para diferentes setores que compõem o Sistema de Proteção Municipal e que há muitos anos apoiam a Defesa Civil de Campinas. Dentre os homenageados estão representantes dos setores acadêmico, privado e público - municipal e estadual. Ao todo, dez pessoas foram agraciadas pelos serviços prestados à Defesa Civil de Campinas.

“No setor privado, homenageamos as empresas que sempre contribuíram conosco, como a CPFL, que vem ajudando na elaboração de planos de gestão de risco; o IAC, parceiro na área de climatologia, e o CEPAGRI, na área de meteorologia”, enumerou o diretor da Defesa Civil. Ele ainda citou o Laboratório de Estudos sobre a Morte da USP, “outra importante parceria que nós temos na área acadêmica”, além do Samu e da Sanasa, Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil do Estado.

A Medalha da Defesa Civil foi instituída pelo Decreto nº 17.537, de 12 de março de 2012. As pessoas agraciadas são indicadas pelos funcionários da Defesa Civil e escolhidas por um Conselho.

Homenageados

Pelo setor público estadual, quatro pessoas foram condecoradas. Dentre elas estão a Coronel PM Helena dos Santos Reis, que atua na Polícia Militar desde 1989 e, em janeiro de 2017, assumiu a chefia da Casa Militar e da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil do Estado de São Paulo.

Comandante do 7º Grupamento dos Bombeiros desde 2014, o Tenente Coronel Wilson do Lago Filho também recebeu a Medalha. Lago representa a instituição tida como irmã da Defesa Civil, responsável por toda a coordenação de execução, busca e salvamento da comunidade em geral.

Diretor técnico da Agemcamp – Agência Metropolitana de Campinas, Sérgio Gomide Costa integra a Câmara Temática de Defesa Civil desde 2010. Essa Câmara tem importante papel no apoio de vários projetos de interesse metropolitano.

Orivaldo Brunini, diretor do CIIAGRO - Centro Integrado de Informações Agrometeorológicas, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), foi mais um homenageado. O CIIAGRO fornece suporte para as Defesas Civas com estações automáticas e mecânicas, sendo valioso facilitador para apoio à tomada de decisões da Defesa Civil.

Duas medalhas foram entregues ao setor privado. Uma ao consultor de negócios da CPFL, José Nannini Neto, que teve papel importante no restabelecimento da cidade em 2016, ocasião em que o município foi atingido por uma micro-explosão. E a outra para o CEO da AISR - Making Smart Cities, Fernando Perez de Britto, que auxiliou Campinas na elaboração do **Plano Local de Resiliência**.

Da área acadêmica, duas mulheres receberam a divisa. Elaine Gomes dos Reis Alves, do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM), da Universidade Estadual de São Paulo (USP), parceira da Defesa Civil de Campinas desde 2008. Desde então, realizou vários treinamentos, palestras e apoio a exercícios simulados em Campinas e cidades da região. Também foi condecorada a pesquisadora Ana Maria Heuminski de Ávila, do Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas em Agricultura da Universidade Estadual de Campinas, que trabalha em conjunto com a Defesa Civil desde a década de 1990.

Do setor público municipal foram dois homenageados. Um deles é Marco Antônio dos Santos, diretor técnico da Sanasa, engenheiro responsável pelo apoio prestado durante a Operação Verão e Estiagem. A colaboração incluiu o fornecimento de equipamentos, recursos humanos, coleta e repasse de índices pluviométricos junto aos Distritos Operacionais de Manutenção da Sanasa (Domasas).

Também recebeu a Medalha a médica Elisângela Franco Nonato, coordenadora do SAMU, que tem uma atuação conjunta com a Defesa Civil em situações de emergência e desastre no município, além da parceria na realização de treinamentos para os servidores e comunidade em geral. Para Elisângela, ter sido condecorada é uma grande honra: “estou honrada com essa homenagem, mas sinto que a Medalha é de todo o Samu, porque homenageia o trabalho da equipe, que se esforça todos os dias para realizar um trabalho de excelência”, agradeceu a coordenadora.



Lidar com ameaças de furacões, incêndios florestais e aumento do nível do mar

À medida que os níveis do mar continuam a subir e as tempestades mais severas, como os furacões Maria e Miguel, ameaçam as comunidades costeiras, os líderes locais precisam avaliar os riscos e vulnerabilidades de seu local. A avaliação de riscos e as práticas de mitigação de riscos podem ser benéficas na criação de planos de adaptação e na tomada de decisões de mitigação para as comunidades costeiras. Como os cientistas ponderam a possibilidade de furacões da categoria seis, os planos anteriores de prevenção de desastres não são mais adequados para as atuais ameaças de tempo severo.

Desastres recentes de eventos climáticos severos em todo o mundo enfatizam a urgência de as cidades se adaptarem a esses perigos, mas há um debate considerável

sobre quais técnicas de adaptação realmente reduzem a vulnerabilidade. Tom Logan, M.Sc., Universidade de Michigan, e seus colaboradores usaram um modelo acoplado de inundação por tsunamis e mudança no uso da terra para mostrar que medidas difíceis de adaptação, como construção de paredes, podem inadvertidamente aumentar a vulnerabilidade de longo prazo a eventos naturais. Eles também descobriram que aumentar a conscientização sobre os perigos, educando a comunidade, pode reduzir a vulnerabilidade.

Os resultados do estudo, "Negligenciando retroalimentações comportamentais na avaliação quantitativa de riscos podem levar à má adaptação a desastres naturais", desafiam a prática existente de adaptação a riscos e destacam que ignorar os feedbacks dinâmicos, como desenvolvimento urbano e riscos em evolução, pode alterar a avaliação estratégias são eficazes ou não.

Os riscos de inundação ameaçam cidades em todo o mundo e as mudanças climáticas só exacerbam a situação. No entanto, tomar decisões com o objetivo de reduzir os danos causados pelas inundações significa comunicar idéias desafiadoras aos tomadores de decisão e ao público em geral. Tamsin Lyle, M.Eng., MRM, P.Eng., Ebbwater Consulting Inc., e sua equipe têm trabalhado com a cidade de Vancouver para comunicar aos funcionários da cidade e às partes interessadas as questões sobre inundações, risco de enchentes e tolerância a riscos. dos quais foram mudando com o clima. Durante sua apresentação, "A comunicação de risco era difícil o suficiente quando o clima estava parado", Lyle estará compartilhando algumas das lições aprendidas sobre o que funcionou em termos de comunicar efetivamente sua mensagem.

"Algumas das ferramentas que nós desenvolvemos e apresentaremos empurram limites em termos de acoplamento de impactos de inundação e probabilidades com riscos climáticos não estacionários", afirma Lyle. "Adicionamos uma terceira dimensão às idéias e métodos tradicionais. Isso foi eficaz em mostrar como as ações de mitigação de inundações funcionam com o tempo."

Tem havido abundantes evidências de que mecanismos psicológicos, como o raciocínio motivado, podem desencorajar certos segmentos da população de prestar atenção às informações relacionadas à mudança climática. Janet Yang, Ph.D., da Universidade de Buffalo, e sua equipe de pesquisadores realizaram uma série de experimentos em que mensagens foram projetadas para destacar o impacto da mudança climática nos EUA ou em um país distante, bem como mensagens sobre mudanças climáticas. impactos em objetos familiares, como café, ou em uma doença desconhecida, como babesiose.

O estudo, "Usando a distância psicológica como uma estratégia de enquadramento para se comunicar sobre mudanças climáticas", examinou se essas mensagens influenciaram percepções de risco e respostas emocionais dos adultos americanos às mudanças climáticas, bem como seu apoio a políticas de mitigação climática e intenções de participar Comportamentos ambientais. Yang descobriu que destacar os impactos da mudança climática que estavam distantes e desconhecidos forçou os indivíduos a confiar mais em sua ideologia política. A redução da distância do impacto, no entanto, foi eficaz na redução da polarização ideológica.

"Cultivar o senso de proximidade é ainda mais crítico quando fortes valores específicos da questão ainda estão por ser formados em segmentos da população", afirma Yang. "Portanto, os acadêmicos precisam identificar estratégias mais eficazes para reduzir a distância psicológica de importantes questões sociais".

Apesar das alegações científicas, as manchetes de notícias têm sido repletas de especulações e discussões sobre a relação entre a mudança climática causada pelo homem e a crescente frequência de eventos climáticos extremos. Rachel Dryden, M.Sc., Universidade Carnegie Mellon, e sua equipe de pesquisadores conduziram um estudo, "Percepções públicas da atribuição de clima", que explora quando e como os leigos atribuem eventos climáticos extremos à mudança climática. Frequência, gravidade e tipo de evento foram considerados fatores que influenciaram os julgamentos das pessoas.

"Este estudo usa uma nova aplicação da psicofísica para abordar a percepção humana de eventos extremos no que se refere à mudança climática", afirma Dryden. "Também poderia ser usado como uma ferramenta preditiva na previsão de como as pessoas podem reagir a futuros eventos climáticos extremos. Os resultados também poderiam informar a avaliação de estratégias alternativas de alerta ou de relato de mídia para a atribuição climática de eventos climáticos extremos".

Com base nas teorias da memória reconstrutiva e da teoria cultural, Gisela Böhm, da Universidade de Bergen, e sua equipe de pesquisadores estudaram como as pessoas entendem e contam histórias sobre a mudança climática para revelar como essas histórias são moldadas pelos valores e crenças fundamentais das pessoas. As questões abordadas por este estudo, "Reconstrução motivada da memória: como as visões de mundo moldam a memória e a comunicação das narrativas das mudanças climáticas", incluem: (1) As pessoas lembram as informações de maneira diferente, dependendo se essas informações são consistentes ou inconsistentes com suas opiniões? (2) As pessoas contam histórias climáticas de maneira diferente, dependendo se o ouvinte compartilha ou se opõe a seus pontos de vista?

O Plano Mestre Compreensivo para Costa Sustentável da Louisiana é um plano de 50 anos para reduzir o risco de inundação e evitar a perda de terras, com seis bilhões de dólares alocados para medidas não estruturais de redução de risco de inundação, como elevação de casas, propriedades comerciais e compra de ativos de alto risco. aquisições voluntárias. No entanto, o plano está apenas nos estágios iniciais de desenvolvimento com relação a uma estratégia de implementação e definição de padrões de mitigação.

David R. Johnson, Ph.D., Universidade de Purdue, e sua equipe de pesquisadores identificaram estratégias para implementar as opções de plano que terão um bom desempenho em uma ampla gama de condições futuras e melhorarão a redução de risco esperada de projetos similares. O estudo, "Alocação robusta de fundos para a mitigação de riscos de inundações não estruturais na zona costeira da Louisiana", tem o potencial de melhorar a relação custo-benefício dos investimentos em proteção contra inundações, aumentando a resiliência das comunidades costeiras contra furacões.

Prever riscos futuros de inundação e, portanto, planejar proteger as comunidades contra inundações futuras pode ser difícil devido às flutuações no tamanho e no número de inundações por ano e ao aumento do nível do mar. A cidade de Vancouver está enfrentando uma elevação projetada do nível do mar de um metro até 2100 e deve determinar como implementar a mitigação apropriada medida a tempo para proteger a planície de inundação. Uma apresentação intitulada "Um nível do mar estrutura de planejamento de adaptação para Vancouver, British Columbia "por Christian Beaudrie, M.Eng., Ph.D., Compass Resource Management, Ltd., investiga o uso de novos métodos de levantamento de risco e ferramentas de controle de risco para ajudar os planejadores urbanos a entender quais ativos e as comunidades estão em risco, para identificar qual nível de risco é aceitável e para determinar quando os riscos atingirão níveis inaceitáveis, permitindo tempo suficiente para a implementação de proteções.

Para as comunidades que não enfrentam riscos iminentes de inundação, um evento climático extremo diferente ameaça destruir as comunidades: incêndios florestais. Nas últimas décadas, os incêndios florestais aumentaram em frequência, extensão e intensidade, e prolongaram a temporada de incêndios florestais em alguns locais. Uma pesquisa conduzida por Alison Cullen, Sc.D., e Harry Podschwit, da Universidade de Washington, avaliou a probabilidade de vários grandes incêndios síncronos, que sobrecarregam a capacidade de gerenciamento, e sua variabilidade espacial nos EUA.

O estudo, "Padrões passados e tendências na simultaneidade de grandes incêndios florestais: Implicações para o gerenciamento de riscos", explora os níveis de preparação nacional e regional que apoiam a tomada de decisões sobre os níveis de prontidão antes e durante a temporada. Eles também examinaram características associadas à priorização de incidentes de queima ativa de incêndios. Este trabalho fornecerá insights estatísticos sobre as características históricas da atividade simultânea de incêndios florestais e fornecerá um ponto de partida para futuras pesquisas científicas.

Estes estudos serão apresentados durante três simpósios na Reunião Anual da **Sociedade de Análise de Risco (SRA)** de 2018 no New Orleans Marriott em New Orleans, Louisiana.

FONTE: <https://phys.org/news/2018-12-coping-threats-hurricanes-wildfires-sea.html>



Tomada de decisão de evacuação: como as pessoas fazem escolhas em desastres

As percepções dos indivíduos nem sempre correspondem ao que as agências de resposta a emergências identificam como áreas de maior risco

De Stanley Dambroski

Depois dos furacões Harvey e Irma, a National Science Foundation (NSF) financiou pesquisas para investigar os amplos impactos desses desastres. Um ano depois, alguns dos pesquisadores financiados por prêmios da Diretoria de Ciências Sociais, Comportamentais e Econômicas da agência estão relatando os resultados produzidos até o momento. Este é o sexto artigo da série. Roxane Cohen Silver, professora de ciências psicológicas, medicina e saúde pública na Universidade da Califórnia, Irvine [estuda os detalhes de por que as pessoas optaram por evacuar ou permanecer no local quando o furacão Irma se aproximava](#).

Pesquisamos mais de 1.600 floridianos nas 60 horas que antecederam a passagem do furacão Irma na Flórida e novamente quatro a seis semanas depois. Ter uma amostra que foi pesquisada antes de um desastre iminente e após a sua ocorrência nos permitiu responder a perguntas importantes sobre quem evacua antes de um furacão, quem não o faz e por quê.

Nossas análises iniciais sugerem que a percepção de risco individual é o mais forte preditor de quem evacuará antes e durante um furacão. Mas parece que os relatos pessoais de alguns de seus riscos de evacuação não concordam com o que as agências de resposta a emergências decidiram ser as áreas de maior risco. Ou seja, a análise preliminar das ordens de evacuação percebidas e reais sugere desinformação ou mal-entendidos pelos entrevistados em nossa amostra.

Com base na análise preliminar das respostas pós-furacão, quase 50% daqueles que evacuaram não moravam em áreas que receberam ordens de evacuação obrigatórias. Além disso, menos de um terço dos indivíduos que estavam em uma zona de evacuação obrigatória pareciam ter avaliado essa informação com precisão. Nossa análise sugere que as percepções dos indivíduos foram baseadas na quantidade de mídia que consumiram antes do furacão, experiências passadas de perda de um furacão e outros fatores pessoais não vinculados às recomendações das agências de resposta a emergências.

Em emergências, as evacuações direcionadas salvam vidas. Quando as pessoas nas zonas de evacuação ficam paradas, elas podem se colocar em perigo. Quando as pessoas fora das zonas de evacuação são evacuadas, há um custo economicamente, e elas podem tornar as evacuações mais difíceis para aqueles em zonas com maior risco. Esforços de evacuação e tomada de decisões podem ser facilitados por comunicações de risco coordenadas de fontes confiáveis (como o Serviço Meteorológico Nacional, outros funcionários do governo e meteorologistas de radiodifusão) que trabalham em conjunto para garantir que as mensagens apropriadas sejam comunicadas, ouvidas e postas em prática.

Nossos dados ilustram como os fatores pré-furacões predizem as respostas pós-furacão e demonstram como populações vulneráveis de indivíduos sob risco de exposição a futuros furacões estão lidando com esses fatores de estresse recorrentes.

FONTE: https://www.nsf.gov/discoveries/disc_summ.jsp?cntn_id=296528&org=NSF&from=news

Construindo resiliência através da inovação e dados abertos na África Subsaariana: relatório final

Esta publicação discute a implementação de GFDRR de sua Iniciativa de Resiliência de Dados Abertos (OpenDRI), que está em ação desde 2010 em mais de 30 países altamente vulneráveis.

As abordagens tradicionais para coletar conjuntos de dados necessários para a tomada de decisões informadas normalmente levam décadas para serem coletadas, geralmente dependem de abordagens top-down e raramente permitem que as comunidades façam parte da coleta de dados e de seu uso final.

Em contraste, a iniciativa da GFDRR envolve comunidades no mapeamento de suas próprias comunidades e provou ser uma abordagem poderosa e sustentável para a construção de resiliência, de anciãos mapeando fronteiras comunitárias em Jacarta pela primeira vez, a estudantes voluntários mapeando Katmandu antes e depois do terremoto de 2015, para as comunidades em inundações, o Malawi mapeou as suas próprias aldeias (local e nome da aldeia, instalações comunitárias, estradas, etc.).

O processo também conecta mapeadores locais com a comunidade internacional de mapeadores abertos, fornece treinamento fundamental no trabalho e, por fim, fornece uma rede treinada de voluntários que podem responder ao mapeamento de áreas danificadas quando desastres ocorrem e mapear a exposição e vulnerabilidades para prever futuros impactos de desastres. .

Uganda, Níger, Tanzânia e Moçambique foram selecionados para testar essas inovações na gestão de risco de desastres. As inovações incluíram novas abordagens para a avaliação de riscos e a coleta e visualização de dados de perigo em tempo real a partir das mídias sociais.

FONTE: <http://documents.worldbank.org/curated/en/785611543573934457/pdf/Final-Report-on-Building-Resilience-Through-Innovation-and-Open-Data-Program.pdf>



Perda e danos causados pelas alterações climáticas: conceitos, métodos e opções políticas

Este livro fornece insights sobre o discurso de perda e dano (L & D), destacando a pesquisa de ponta de várias disciplinas, bem como contextos de política relacionados à L & D.

Ele articula os múltiplos conceitos, princípios e métodos relevantes para L & D, incluindo aqueles que só recentemente se tornaram disponíveis.

Este volume destina-se a informar a pesquisa, política, prática e público interessado.

O livro:

- discute as dimensões política, legal, econômica e institucional da L & D,
- introduz questões normativas e éticas centrais para o discurso,
- destaca o papel dos riscos climáticos e da gestão dos riscos climáticos,
- apresenta estudos de caso relevantes de todo o mundo,
- identifica políticas e opções práticas e baseadas em evidências e, portanto,
- apoia o diálogo sobre política científica e possíveis direções futuras do discurso de L & D, tanto dentro como fora do Acordo de Paris.

FONTE: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-3-319-72026-5.pdf>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>